

## **Prefácio Interessantíssimo** (Mário de Andrade)

Leitor:

Está fundado o Desvairismo.

Este prefácio, apesar de interessante, inútil.

Alguns dados. Nem todos. Sem conclusões. Para quem me aceita são inúteis ambos. Os curiosos terão prazer em descobrir minhas conclusões, confrontando obra e dados. Para quem me rejeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou.

Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem  
Pensar tudo o que meu inconsciente me grita.

Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão deste

Prefácio Interessantíssimo.

Aliás muito difícil nesta prosa saber onde  
termina a blague, onde principia a seriedade.

Nem eu sei.

## **O rebanho** (Mário de Andrade)

Oh! minhas alucinações!

Vi os deputados, chapéus altos,

Sob o pálido vespéral, feito de mangas-rosas,

Sáírem de mãos dadas do Congresso...

Como um possesso num acesso em meus aplausos

Aos salvadores do meu Estado amado!...

Desciam, inteligentes, de mãos dadas,

Entre o trepidar dos táxis vascolejantes,

A rua Marechal Deodoro...

Oh! minhas alucinações!

Como um possesso num acesso em meus aplausos

Aos heróis do meu Estado amado!...

E as esperanças de ver tudo salvo!

Duas mil reformas, três projetos...

Emigram os futuros noturnos...

E verde, verde, verde!...

Oh! minhas alucinações!

Mas os deputados, chapéus altos,

Mudavam-se pouco a pouco em cabras!

Crescem-lhes os cornos, descem-lhes as barbinhas...

E vi que os chapéus altos do meu Estado amado,

Com os triângulos de madeira no pescoço,

Nos verdes esperanças, sob as franjas de ouro da tarde,

Se punham a pastar

Rente do Palácio do senhor presidente...

Oh! minhas alucinações!

## **Cabo Machado** (Mário de Andrade)

Cabo Machado é cor de jambo,  
Pequenino que nem todo brasileiro que se preza.  
Cabo Machado é moço bem bonito.  
É como si a madrugada andasse na minha frente.  
Entreabre a boca encarnada num sorriso perpétuo  
Adonde alumia o Sol de ouro dos dentes  
Obturados com um luxo oriental.

Cabo Machado marchando  
É muito pouco marcial.  
Cabo Machado é dançarino, sincopado,  
Marcha vem-cá-mulata.  
Cabo Machado traz a cabeça levantada  
Olhar dengoso pros lados.  
Segue todo rico de joias olhares quebrados  
Que se enrabicharam pelo posto dele  
E pela cor de jambo.

Cabo Machado é delicado, gentil.  
Educação francesa mesureira.  
Cabo Machado é doce que nem mel  
E polido que nem manga-rosa.  
Cabo Machado é bem o representante duma terra  
Cuja Constituição proíbe guerras de conquista  
E recomenda cuidadosamente o arbitramento.  
Só não bulam com ele!  
Mais amor, menos confiança!  
Cabo Machado toma um jeito de rasteira...

Mas traz unhas bem tratadas  
Mãos transparentes frias,  
Não rejeita o bom-tom do pó de arroz.  
Se vê bem que prefere o arbitramento.  
E tudo acaba em dança!  
Por isso Cabo Machado anda maxixe.

Cabo Machado... bandeira nacional!

**Eu, etiqueta** (Carlos Drummond de Andrade)

Em minha calça está grudado um nome  
que não é meu de batismo ou de cartório,  
um nome... estranho.  
Meu blusão traz lembrete de bebida  
que jamais pus na boca, nesta vida.  
Em minha camiseta, a marca de cigarro  
que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produto  
que nunca experimentei  
mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido  
de alguma coisa não provada  
por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
minha gravata e cinto e escova e pente,  
meu corpo, minha xícara,  
minha toalha de banho e sabonete,  
meu isso, meu aquilo,  
desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
são mensagens,  
letras falantes,  
gritos visuais,  
ordens de uso, abuso, reincidência,  
costume, hábito premência,  
indispensabilidade,  
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
escravo da matéria anunciada.  
Estou, estou na moda.  
É doce estar na moda, ainda que a moda  
seja negar minha identidade,  
trocá-la por mil, açambarcando  
todas as marcas registradas,  
todos os logotipos do mercado.  
Com que inocência demito-me de ser  
eu que antes era e me sabia  
tão diverso de outros, tão mim-  
mesmo,

ser pensante, sentinte e solidário  
com outros seres diversos e conscientes  
de sua humana, invencível condição.  
Agora sou anúncio,  
ora vulgar, ora bizarro,  
em língua nacional ou em qualquer língua  
(qualquer, principalmente).  
E nisto me comprazo, tiro glória  
de minha anulação.  
Não sou eu – vê lá – anúncio contratado.  
Eu é que mimosamente pago  
para anunciar, para vender  
em bares festas praias pérgulas piscinas,  
e bem à vista exibo esta etiqueta  
global no corpo que desiste  
de ser veste e sandália de uma essência  
tão viva, independente,  
que moda ou suborno algum a compromete.  
Onde terei jogado fora  
meu gosto e capacidade de escolher,  
minhas idiossincrasias tão pessoais,  
tão minhas que no rosto se espelhavam,  
e cada gesto, cada olhar,  
cada vinco da roupa resumia uma estética?  
Hoje sou costurado, sou tecido,  
sou gravado de forma universal,  
saio da estamperia, não de casa,  
da vitrina me tiram, recolocam,  
objeto pulsante, mas objeto  
que se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados.  
Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
de ser não eu, mas artigo industrial,  
peço que meu nome retifiquem.  
Já não me convém o título de homem.  
Meu nome novo é coisa.  
Eu sou a coisa, coisamente.

## Favelário nacional (Carlos Drummond de Andrade)

(...)

### 3. Urbaniza-se? Remove-se?

São 200, são 300  
as favelas cariocas?  
O tempo gasto em conta-las  
é tempo de outras surgirem.  
800 mil favelados  
ou já passa de um milhão?  
Enquanto se contem, ama-se  
em barraco e a céu aberto,  
novos seres se encomendam  
ou nascem à revelia.  
Os que mudam, os que somem,  
os que são mortos a tiro  
são logo substituídos.  
Onde haja terreno vago,  
onde ainda não se ergueu  
um caixotão de cimento  
esguio (mas vai-se erguer)  
surgem trapos e tarecos,  
sobe fumaça de lenha  
em jantar improvisado.

Urbaniza-se? Remove-se?  
Extingue-se a pau e fogo?  
Que fazer com tanta gente  
brotando do chão, formigas

de formigueiro infinito?  
Ensinar-lhes paciência,  
conformidade, renúncia?  
Cadastrá-los e fichá-los  
para fins eleitorais?  
Prometer-lhes a sonhada,  
Mirífica, róseo-futura  
distribuição (oh!) de renda?  
Deixar tudo como está  
para ver como é que fica?  
Em seminários, simpósios,  
comissões, congressos, cúpulas  
de alta vaniloquência  
elaborar a perfeita  
e divina solução?

Um som de samba interrompe  
tão sérias cogitações,  
e a cada favela extinta  
ou em vila transformada,  
com direito a pagamento  
de Comlurb, ISS, Renda,  
outra aparece, larvar,  
rastejante, desafiante,  
de gente que nem a gente,  
desejante, suspirante,  
ofegante, lancinante.  
O mandamento da vida  
explode em riso e ferida.

**As sem-razões do amor** (Carlos Drummond de Andrade)

Eu te amo porque te amo.  
Não precisas ser amante,  
e nem sempre saber sê-lo.  
Eu te amo porque te amo.  
Amor é estado de graça  
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,  
é semeado no vento,  
na cachoeira, no eclipse.  
Amor foge a dicionários  
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo  
bastante ou demais a mim.  
Porque amor não se troca,  
não se conjuga nem se ama.  
Porque amor é amor a nada,  
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,  
e da morte vencedor,  
por mais que o matem (e matam)  
a cada instante de amor.